

CONSTRUÇÕES DE VERBO + SUBSTANTIVO: ESTRUTURA, SEMÂNTICA E POSIÇÃO DENTRO DA FRASEOLOGIA

CHRISTINE HUNDT
Leipzig

Tendo em vista que existe, entre as zonas periférica e central da fraseologia, uma série de construções verbais constituídas por um verbo em relação a um substantivo — *das colocações verbo + substantivo e das construções com verbo suporte aos fraseolexemas verbais* —, pretende-se, com a presente comunicação, descrever as particularidades estruturais, semânticas e comunicativo-pragmáticas dos diferentes grupos.

Com esta minha comunicação queria - para me exprimir em termos verbais diferentes — por um lado, **contribuir** para a discussão teórica sobre as unidades verbais complexas, por outro lado **dar uma contribuição** para a lexicografia e — com base em exemplos portugueses — **dar a minha achega** à investigação portuguesa.

Quanto às construções aqui averiguadas, trata-se de unidades lexicais complexas e reproduzíveis, caracterizadas pela repetida co-ocorrência, portanto, pela relativa estabilidade estrutural-semântica dos seus componentes. Estas construções servem, além da denominação (isto é, o enriquecimento do léxico) também para a modificação da expressão. Enquanto as construções com verbo suporte foram muito criticadas no passado (chamadas p.e. «epidemia de substantivos» (REINERS 1944) e «locuções abalofadas» (SCHMITT 1951), veja-se DANIELS 1963) e apareceram só ligadas a poucos tipos de textos, nos últimos anos já se tornaram um foco de interesse, sendo aceites a sua eficiência na linguagem e o aumento do seu uso. A meu ver, as investigações recentes podem consciencializar os falantes para as características específicas e para as potencialidades comunicativas especiais das colocações e locuções, sensibilizando também os lexicógrafos: sendo sem-

pre prescrito e limitado o volume dos dicionários, põe-se a questão de saber quais as unidades lexicais complexas que têm que ser absolutamente integradas num dicionário passivo bilingue, porque o seu significado não é deduzível da soma dos significados dos componentes, e quais as exigências dum dicionário activo (ou unilingue ou bilingue) no que diz respeito à integração de todas as unidades lexicalizadas da língua.

Propõe-se, tendo em conta uma larga graduação, o seguinte agrupamento feito com base nos parâmetros que indicam o grau da fraseologia:

- (1) construções usadas com mera função nominativa substituindo
— como sinónimo — o verbo do mesmo significado:

p.e. **fazer uma afirmação = afirmar; fazer um brinde = brindar; fazer a cora = corar; fazer intrigas = intrigar; tomar decisões = decidir; tomar uma resolução = resolver;**

ou funcionando mesmo como substituto dum verbo:

p.e. **fazer greve; ter fome; ter medo; tomar um duche; fazer «bluff»;**

= *colocações «neutras» com verbo suporte* caracterizadas por:
+ *estabilidade; +reprodutibilidade/lexicalização;*
– *idiomaticidade; -especificação semântica;*
– *expressividade.*

Este grupo já mereceu a atenção dos lexicógrafos portugueses do «*Diccionario Contemporaneo da Lingua Portuguesa*» publicado em 1881, antes de a temática ser retomada nos anos 80 em algumas dissertações de mestrado em Portugal: «O verbo *dar*¹ junto com alguns nomes tem um emprego muito geral em substituição dos verbos derivados d'esses nomes ou de que esses nomes derivam; assim: *dar a benção, abençoar, dar um passeio, passear, dar entrega, entregar, dar fundo, fundear, dar motivo, motivar, dar testemunho, testemunhar, etc.*; e, por analogia, com outros nomes que não têm verbo cognato, como: *dar um nó, dar passos, etc.*» (Citação da Dissertação de Mestrado de VAZA (1988, 9)).

¹ Entre os mais frequentes verbos suporte da língua portuguesa contam-se p.e. **dar, estar, fazer, pôr, ter, tomar, entrar, prestar, tirar, cometer, assumir.**

Deparamos, neste grupo, com a combinação dos componentes sem que a colocação constitua uma nova qualidade semântica. Surge, da colocação do verbo suporte semanticamente esvaziado, praticamente gramaticalizado, e do componente nominal como portador da semântica principal da formação modelada, uma predicação neutra. Quanto à gramaticalização fala-se hoje dum processo de concentração semântico-pragmática que precede o estado da desemantização.

- (2) locuções exprimindo um modo de acção e especificando o significado do verbo/grupo verbal básico:

p.e. **estar em funcionamento** /durativo/continuativo/ - **entrar em funcionamento** /ingressivo/incoativo/ — **pôr em funcionamento**/ingressivo/causativo/;

estar à disposição /durativo/continuativo/- **pôr à disposição** /ingressivo/causativo/;

Creio que, no essencial, Mário Soares manifestou uma posição concordante com a minha, no sentido de que o que **está em causa** não é a destruição [...]. (EXPRESSO, 27/II/93, 15); Não é isso que **põe em causa** a modernidade do Partido Socialista. (EXPRESSO, 27/II/93, 15)

SCHMIDT (1968, 36ff.) descreve com pormenor os tipos de acção repartindo-os em tipos de acção fásicos («Phasen-Aktionsarten», para exprimir a mudança de estados) e mutativos («Mutations-Aktionsarten», reflectindo a transformação de um estado para o outro).

É bem visível a diferenciação do conteúdo em: **levar a efeito/pôr em efeito** /ingressivo/causativo/ = **efectuar**, mas: **ter efeito** /durativo/resultativo/.

As construções com verbos suporte acima mencionadas — chamadas por mim «modificadoras» (segundo WOTJAK 1992: «aktionsart-indizierend» — indicadoras do modo de acção) — são consideradas *colocações* que fazem parte do *sistema* da língua, no sentido da co-ocorrência de unidades lexicais numa combinação específica no campo do *discurso* (parole); possuem uma nova qualidade semântica: a microestrutura semântica resulta da combinação específica dos componentes integrantes da colocação.

Não se realiza, porém, uma transformação dos significados dos componentes; eu falaria duma *modificação dos significados extra-locucionais na combinação específica dos componentes*. Portanto, considero também as construções com verbos suporte deste segundo grupo unidades da periferia

da fraseologia, porque são relativamente estáveis, reproduzíveis e lexicalizadas, mas não são idiomáticas no sentido próprio, nem expressivas:

- + *estabilidade*; + *reprodutibilidade/lexicalização*;
- *idiomaticidade*; + *especificação semântica* (modificação dos significados extra-locucionais na combinação específica dos componentes);
- *expressividade*.

Chamo a atenção especial para o seguinte tipo:

(3) as unidades baseiam-se num componente nominal que já no uso livre possui um semema de significado figurativo e está ligado a um dos típicos verbos-suporte:

p.e. **dar a dianteira a alg.**; **estar na dianteira**; **tomar a dianteira**;
dar uma chegadela a alg.; **levar uma chegadela**; **dar uma descasca a alg.** etc.

ou, também, um verbo que vai adoptando as características dum verbo suporte ligado a um substantivo:

p.e. **despertar a animosidade/a atenção/ciúmes/a curiosidade/o interesse/a ira/a sensibilidade/a suspeita; ganhar coragem/medo.**

Trata-se de locuções mais aproximadas das expressões idiomáticas. Na medida em que a possibilidade de variação dum componente aumenta, mais a locução se torna seriada, perde a sua idiomaticidade e faz parte do grupo das construções com verbos-suporte. Vejam-se os seguintes exemplos: **matar a fome/a sede/o tempo/esperanças/saudades**: em combinação com substantivos que têm o sema */-animado/*, já não se verifica o significado básico do verbo. Assim, eu não falaria de idiomaticidade da construção no sentido de ‘mudança de significado’, mas da atenuação do significado do componente verbal, como também em: **quebrar a regra/o silêncio**; mas: **quebrar o gelo**, que considero expressão idiomática porque os *dois* componentes na sua combinação sofreram uma modificação do seu significado extra-locucional.

Qual a consequência disto para a lexicografia? Enquanto o locutor pode deduzir, sem dificuldades, em qualquer contexto o significado das primeiras expressões, porque um dos componentes guardou o seu significado extra-locucional e o segundo componente somente foi modificado/atenuado semanticamente, a última expressão foi idiomatizada na combinação especí-

fica dos componentes e tem que ser integrada, não só no dicionário activo, como também no dicionário passivo (se bem que se trate duma correspondência 1:1 no caso do português e alemão e já se pode discutir, de novo, se estas unidades deviam fazer parte do dicionário bilingue ou não; mas este é um outro tema ...).

É desejável também integrar no dicionário activo (língua estrangeira-português) as unidades dos primeiros dois grupos para apoiar a escolha e combinação exactas do respectivo verbo suporte e do substantivo.

Um problema «intermédio» constituem, a meu ver, os exemplos **correr um risco, caçar votos e semear o pânico**: os verbos têm a tendência de atenuar o seu significado em formações seriais, veja-se também **correr um perigo**, mas neste momento, constituem formas (quase) singulares e o componente verbal parece ter sofrido uma mudança de semântica (p.e., só na combinação concreta com ‘risco’ e ‘perigo’ o verbo ‘correr’ adopta o semema suplementar ‘estar sujeito a’, por isso considero os exemplos — ainda! — fraseolexemas parcialmente idiomáticos).

Verifica-se um processo de desmetaforização no uso das locuções mencionadas em primeiro lugar, porque o significado figurativo do componente nominal é do conhecimento geral na norma-padrão (**estar na dianteira; dar a dianteira a alg.** <*dianteira* ‘frente, vanguarda’); encontram-se também exemplos para o processo inverso, vejamos: **dar saltos = saltar // dar saltos (de contente)**– ‘manifestar contentamento de maneira exuberante’, expressão que se baseia em idiomatização. Quando incluo, caracterizando este terceiro grupo, o critério da expressividade, refiro-me ao sentido figurativo que, no texto, tem os respectivos efeitos:

- + *estabilidade*; + *reprodutibilidade/lexicalização*;
- *idiomaticidade*; + *especificação semântica*; + *expressividade*.

Na caracterização do tipo descrito, dou relevo à formação serial das locuções à qual é inerente a atenuação da semântica do componente verbal.

As expressões idiomáticas são caracterizadas por uma ligação singular dos componentes da qual resulta a transformação locucional-interna dos mesmos; constatamos uma microestrutura semântica própria da locução:

- + *estabilidade*; + *reprodutibilidade/lexicalização*;
- + *idiomaticidade*; + *especificação semântica*; + *expressividade*:

p.e. **estar em jogo; ter dedo (para a/c.); fazer fitas; vender saúde.**

A estrutura das unidades lexicais até agora descritas não mostra concordâncias óbvias - o que torna mais difícil a delimitação. Deparamos com os seguintes

Tipos morfológicos das construções com verbo suporte:

- 1) V (funcional) + preposição + substantivo
(objecto preposicional)
tomar em consideração; pôr em acção
- 2) V (funcional) + substantivo (objecto directo)
fazer um brinde; dar uma contribuição

e, também, semelhantes

Tipos estruturais de fraseolexemas verbais:

- 1) V + substantivo
(frase nominal)
**ganhar calos; levar rumo; virar o disco; queimar as pestanas;
passar uns maus bocados; levar um chá de marmeleiro; dar
dois dedos de conversa; meter a foice em seara alheia**
- 2) V + preposição + substantivo
(frase preposicional)
**dar ao badalo; pregar no deserto; bater na mesma tecla;
meter-se num beco sem saída; dar com os burros na água**

Porém, tem que se acrescentar que a variedade das formas dos fraseolexemas verbais é muito mais desenvolvida.

E, uma diferença reside também em restrições de transformação, que não quero acentuar excessivamente, mas que considero, porém, importantes:

Quando se realiza, p.e., o alargamento/a ampliação atributiva numa construção com verbo suporte, isso nunca resulta numa transformação significativa: o alargamento é um processo facultativo, na maioria dos casos ocasional e dependente do contexto, a construção «comporta-se» — tendo em conta as restrições existentes - como uma construção livre:

deram *mau* resultado; faço *esta* afirmação; assume *a sua* função.

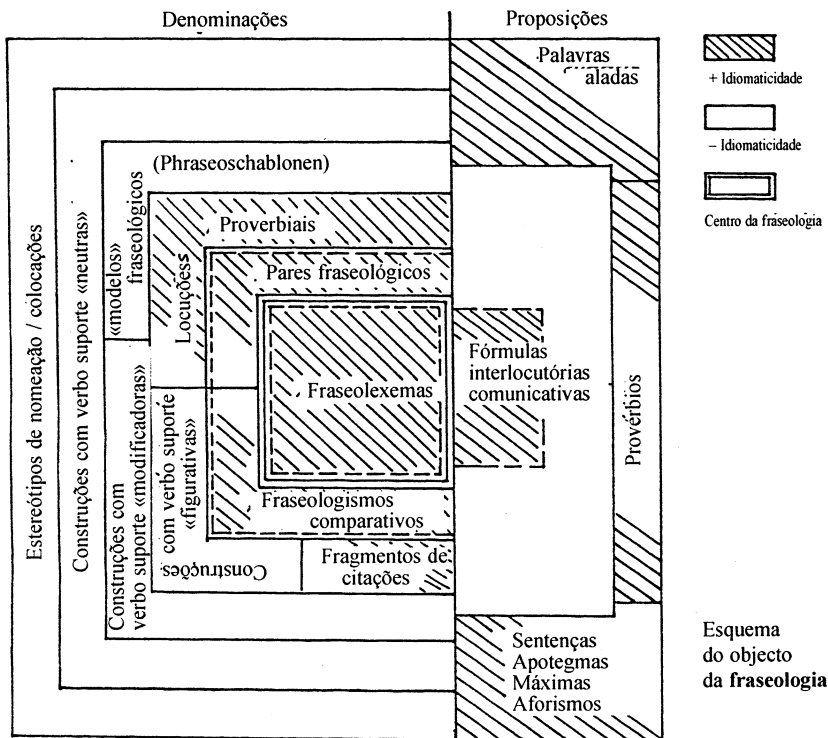
Em contrapartida, o alargamento atributivo pode fazer parte integrante do fraseolexema: **ter a última palavra; tocar sempre o mesmo disco; ser**

um feixe de nervos; viver à barba longa; bater na mesma tecla etc. Somente esta estrutura leva à idiomatização das unidades lexicais complexas em discussão.

Já se revelou, até agora, que as diferenças estruturais não podem dar acesso suficiente à delimitação dos fenómenos, mas que são as características semânticas e comunicativo-pragmáticas que desempenham o papel mais importante. Além das indicadas na descrição das propriedades de cada tipo, queria aludir a mais um fenómeno específico: a formação das construções com verbos-suporte realiza-se na base de *modelos* de construção por combinação dos componentes e é muito produtiva na língua contemporânea para formar predicções, enquanto a maioria dos fraseolexemas é formada com base em processos semânticos mais complexos, isto é a transformação do significado por metáfora, metonímia etc., para designar de maneira mais expressiva um traço característico, um assunto, um processo.

Distinguindo as construções com verbo suporte das demais unidades fraseológicas não idiomatizadas, tem que ser salientada a capacidade da formação de séries e a modificação da semântica dos componentes na sua combinação específica. A semântica do verbo é atenuada (assim como a da preposição quando se trata de construções preposicionais), não sendo obrigatoriamente inerentes à semântica do verbo os significados específicos. Baseando-se na combinação sintagmática, o substantivo é portador da informação principal e da valência (o que tem como consequência não poder ser eliminado, nem anaforizado; além disso, os objectos ou os complementos adverbiais na oração não dependem directamente do verbo funcional, mas do substantivo e, mediante este, do conjunto da construção). Segundo definições tradicionais, o componente nominal só podia ser representado por um abstracto, o que, a meu ver, não é um critério absoluto, veja-se p.e. **dar saltos; deitar/pôr/lançar fogo**. Seria, porém, interessante, analisar as causas da preponderância de abstractos que são, a meu ver, menos susceptíveis de idiomatização, p.e. por meio de metaforizações.

Resumindo, vejo entre as zonas periférica e central da fraseologia, uma série de construções verbais constituídas por um verbo em relação a um substantivo — *das construções com verbo suporte aos fraseolexemas verbais* —, que devem ser descritas mais em pormenor, porque além das colocações de verbo + substantivo e das *construções «neutras» com verbo suporte* temos de salientar as características semânticas e comunicativo-pragmáticas de mais grupos no espaço transitório a que chamaria *construções «modificadoras» com verbo suporte* e *construções «figurativas» com verbo suporte*. Veja-se o seguinte esquema, mostrando o objecto da fraseologia e agrupando também os tipos de construções descritas com verbo suporte:



Regressemos ao começo e vejamos como classificaria as construções usadas inicialmente:

dar uma contribuição considero uma construção «neutra» com verbo suporte formando um predicado na substituição do verbo *contribuir* (*tipo 1*);

dar a sua achega trata-se, a meu ver, de uma construção «figurativa» com verbo suporte: *achega* já tem, no uso livre, os significados de «aditamento, acréscimo; subsídio, auxílio; contribuição», e a colocação não se baseia, por consequência, numa idiomatização propriamente dita (*tipo 3*).

BIBLIOGRAFIA

- ARRUDA, LÍGIA MARIA DE MELO (1987): *Contribuição para o Estudo das Nominalizações com o Verbo Suporte TER*, Dissertação de Mestrado em Linguística Portuguesa Descritiva, Faculdade de Letras, Lisboa.
- BUSSE, WINFRIED/MÁRIO VILELA (1986): *Gramática de valências*, Coimbra (Livraria Almedina).

- ČERNÝŠEVA, IRINA IVANOVNA: «Phraseologie», in: STEPANOVA, MARIJA DMITRIEVNA/IRINA IVANOVNA ERNY EVA 1975, 175-260.
- DANIELS, KARLHEINZ: *Substantivierungstendenzen in der deutschen Gegenwartssprache*, Düsseldorf 1963.
- DETGES, ULRICH: «Französische Funktionsverbfügungen vom Typ *être Pröp. N.* Zum Verhältnis von lexikalischer Kategorie und propositionaler Funktion», in: KOCH, PETER/THOMAS KREFELD (Hrsg.) 1991, 253-277.
- EBERT, ELKE (1990): *Untersuchungen zu portugiesischen Funktionsverbgefügen auf der Basis von Presstexten*, Tese de Licenciatura, Universidade de Leipzig.
- FLEISCHER, WOLFGANG (1982): *Phraseologie der deutschen Gegenwartssprache*, Leipzig (Bibliographisches Institut).
- HUNDT, CHRISTINE (1994): *Untersuchungen zur portugiesischen Phraseologie*, Wilhelmsfeld (Egert) (*Pro lingua; Bd. 18*); Dissertação de Doutorado apresentada em 1991, à Universidade de Leipzig.
- KOCH, PETER/THOMAS KREFELD (ed.)(1991): *Connexiones Romanicae*, Tübingen (Niemeyer) (*Linguistische Arbeiten; 286*).
- RANCHHOD, MARIA ELISABETE ALMEIDA MARQUES (1988): *Construções nominais com verbo suporte Estar. Nominalizações e nomes autónomos*, Dissertação de Doutorado em Linguística Portuguesa, apresentada à Universidade de Lisboa.
- SCHEMANN, HANS (1981): *Das idiomatische Sprachzeichen. Untersuchung der Idiomatizitätsfaktoren anhand der Analyse portugiesischer Idioms und ihrer deutschen Entsprechungen*, Tübingen (Niemeyer).
- SCHMIDT, VERONIKA (1968): *Die Streckformen des deutschen Verbuns*, Halle/S. (Niemeyer).
- STEPANOVA, MARIJA DMITRIEVNA/IRINA IVANOVNA ERNY EVA (1975): *Lexikologie der deutschen Gegenwartssprache*, Moskau (Vys aja kola).
- VAZA, ALDINA CAROÇO FÉLIX ROCHA DA (1988): *Estruturas com nomes predicativos e o verbo suporte dar*, Dissertação de Mestrado em Linguística Portuguesa Descritiva apresentada à Faculdade de Letras da Universidade Clássica de Lisboa.
- WOTJAK, GERD (1992): «Nichtidiomatische Phraseologismen: Substantiv-Verb-Kollokationen — ein Fallbeispiel», comunicação apresentada no congresso EUROPHRAS; publicação das actas em preparação.